

CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS COM O GRUPO ANDORA/UFES¹

Mariana de Oliveira Delmondes,

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Érica Bolzan,

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Renata Marques Rodrigues,

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Cultura popular; Educação; Formação de professores/as.

INTRODUÇÃO

Quando falamos em cultura popular e educação, temos uma infinidade de possibilidades para reflexão. Neste texto, compartilhamos um relato de experiência com os sentidos e significados que construímos acerca destas temáticas, a partir do ‘Andora em roda’, que se constitui como espaço de diálogo, debate, reflexões e pesquisas sobre o trato artístico e pedagógico das manifestações da cultura popular, com ênfase nas danças populares. Os estudos se iniciaram em maio de 2020, dentro do Grupo Andora². Os encontros têm duração de 2h e realizam-se quinzenalmente, de forma virtual, com auxílio de plataforma *online*. Metodologicamente, prioriza a leitura e problematização de livros, artigos acadêmicos, apreciação de vídeos e documentários e análise de músicas e poesias, abarcando variadas linguagens sobre as manifestações tratadas. Discutimos sobre corpos dançantes, folclore, cultura popular, patrimônio imaterial e os aspectos inerentes às danças como: os movimentos, músicas, instrumentos, adereços, vestuários e as histórias dos grupos e comunidades que são os detentores desses saberes. Participam deste grupo, professores/as em formação continuada e inicial, de diferentes áreas: Educação Física, Artes, História e Música. Entendemos a importância de tratar a cultura popular e a educação como movimentos de resistência,

¹ O presente texto não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² Grupo que desde 2008 vem desenvolvendo ações de ensino, pesquisa e extensão, no âmbito das danças populares, promovendo a formação de professores/as e produção artística.

principalmente diante do crescimento de políticas que tem promovido o discurso de homogeneização cultural e o desinvestimento na esfera educacional pública.

CULTURA POPULAR E EDUCAÇÃO

A necessidade dessas ações surgiu de nossos fazeres como professores/as que trabalham com a cultura popular e que, frequentemente, somos questionados/as sobre a importância, validade e legitimidade desses saberes nos contextos educativos. São comuns enfrentamentos amparados no viés religioso, principalmente quando trazemos os ritmos percussivos, batucados, de matriz indígena e afro-brasileira. Dessa forma, a relação dialógica associa a docência, as experiências e o encontro de diferentes histórias de vida.

A cultura popular representa alimento cultural, movimento, resignificação, base da sociedade, identificação. Não estamos nos referindo apenas àquelas manifestações tradicionais, situadas nas comunidades rurais, mas também aquelas que emergem de grupos nos grandes centros urbanos. Embora entendamos a dificuldade na definição do conceito, colocamos aqui, a cultura popular como um conjunto de práticas culturais que emergem do “povo”, aquele que não está nos holofotes e que apesar de a ideia de “povo” remeter a uma “grande massa”, na realidade, ele se constitui na diferença e diversidade.

Buscamos refletir a cultura popular e a educação, em processo decolonial compreendo-os como emancipação. Concordamos com Baldi, Marques e Nascimento (2019, p. 113) que “[...] as pedagogias decoloniais problematizam o conhecimento e nos ensinam a aprender a desaprender e a desconstruir”. Trata-se de valorizar os processos construtivos de cada manifestação, em suas singularidades. No contexto escolar, levantamos questões sobre os conteúdos que são visibilizados ou silenciados e como a maioria dos arranjos curriculares desconsideram as manifestações locais e regionais, impondo realidades distintas, majoritariamente eurocentradas. A imposição de um discurso epistemológico homogêneo impossibilita o encontro de diferentes narrativas, sobrepondo umas sobre as outras. No entanto, observamos que é urgente mudanças nos campos discursivo e vivido, tendo em vista, por exemplo, a necessidade de garantir a diversidade étnico-racial dentro das escolas e na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os momentos de encontro são acolhedores, os diálogos abastecem nossa esperança e os saberes são colocados em constante debate. As experiências no ensino da cultura popular e nas trocas em grupo reforçam a importância do coletivo, indicam caminhos para aproximarmos a escola da realidade dos/das estudantes e das culturas que nela emergem. Pontuamos que a busca pelo saber ganhou força com a possibilidade da realização remota, assim, seguimos juntos/as, mesmo que, fisicamente, estejamos em diferentes cidades e estados do Brasil.

REFERÊNCIA

BALDI, N.; MARQUES, T.; NASCIMENTO, D. Meia-volta na Ciranda: Reflexões sobre decolonialidade na Dança. **Revista Interritórios**, Caruaru, v. 5, n. 8, p. 110-120, 2019.